# EDUCAÇÃO FEMINISTA PARA BARRAR O FIM DO MUNDO!

**Júlia Raquel Macêdo Batista[1]; Antonio Batista Fernandes[2]**

[1]Licencianda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Educação e Ciências Integradas de Crateús, Crateús, Ceará, Brasil, e-mail: julia.raquel@aluno.uece.br

[2]Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará. Professor Adjunto da Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Educação e Ciências Integradas de Crateús, Crateús, Ceará, Brasil, e-mail: batista.fernandes@uece.br

## Resumo

Para as mulheres vítimas do patriarcado, para os povos originários, ribeirinhos e quilombolas, o *fim do mundo* já aconteceu. Pois, trata-se de um processo histórico violento que articula a colonização, a destruição de florestas, o genocídio, a cultura do estupro, a concentração de terras, a insegurança alimentar, o racismo, a LGBTIfobia, a intolerância religiosa, a exploração de animais para o consumo humano, o produtivismo desumanizante, que criou um verdadeiro cenário de emergência e colapso ambiental. Nesse contexto, as experiências tecidas com os movimentos de mulheres, partilhadas nesta escrevivência, nos convocam a cada vez mais ampliarmos a compreensão política de que as nossas análises, os nossos sonhos e o nosso trabalho, não podem mais contribuir com a reprodução de uma estrutura sócio-política-econômica que coloca o lucro acima da vida e caminha por uma geografia do abismo. Falar de feminismo, vinculando seu horizonte revolucionário com o projeto ecossocialista nunca foi tão necessário como agora para barrar o fim do mundo. É dessa ousadia que o nosso trabalho objetiva versar sobre, porque compreendemos que a educação é uma forma de intervir no modo como estão as coisas, uma forma de contracolonizar o projeto educacional em curso, pois esse apresenta limites concretos quando se trata da agenda feminista e ambiental. Esse texto desobedece a alguns padrões colonialistas, bordando vida através da poesia de movimentos sociais que ajudam a costurar suas análises. A resistência das mulheres lutadoras tem ensinado nos diferentes espaços de disputa a transformar a ciência em ferramenta de transformação da sociedade capitalista.

**Palavras-Chave:** Feminismo. Educação feminista. Crise Climática. Movimentos Sociais. Ecossocialismo.

## 1. Introdução

*"Todos os seres merecem viver para além de sua utilidade, de sua funcionalidade para os outros. Que as expressões afetivas sejam também sobre transbordamentos e abundâncias, e não apenas sobre faltas e necessidades."*
***- Geni Núñez (2023)***

Num diálogo com a visão originária de Krenak (2019) peço licença para seguir confluindo resistências com as mulheres espalhadas pelo mundo que lutam pela liberdade de seus povos e pela justiça climática. Num tempo que é especialista em criar ausências, os corpos femininos localizam-se nas trincheiras de cada luta, contrariando os discursos que insistem em chamar tais manifestações de lutas isoladas e identitárias, porque elas escancaram a centralidade que o trabalho não pago pelas mulheres resulta numa divisão injusta pautada pelo gênero, raça

e classe que sustentam o lucro capital (Federici, 2019). Essa escrita se soma ao esforço sonhado por bell hooks de fazer nascer um mundo novo, em que as ideias feministas nos ajudarão a enfrentar a dominação patriarcal imperialista que ameaça a existência planetária, pois que "a alma da nossa política é o comprometimento com o fim da dominação" (hooks, 2020, p.149).

O contato direto com os movimentos sociais que disputam a cidade de Crateús-CE, território em que se produz esse texto, sem dúvidas, deságua e contribui com uma percepção feminista ainda mais enraizada nas experiências concretas e populares, pois em muitas entidades/coletivos, a visão de mulheres se faz presente. E é bonito ver que apesar das contradições sexistas que atravessam os seus cotidianos, essas militantes mobilizam boa parte das ações, atuando como lideranças que trazem mais sentido e organicidade aos movimentos que se inserem, afinal, como lembram as pesquisadoras Federici e Valio (2020, p.3):

> As mulheres desempenham um papel central nas lutas ecológicas por serem as mais afetadas pela desapropriação e pela degradação ambiental, por serem responsáveis pela reprodução de suas famílias. São as mulheres que cuidam dos que adoecem por causa da contaminação pelo petróleo, porque a água usada para cozinhar, lavar e limpar é tóxica, e porque a desnutrição é decorrência da perda da terra e da destruição da agricultura local. Por esses motivos, as mulheres hoje em dia permanecem na linha de frente contra as corporações transnacionais de mineração e do agronegócio que invadem áreas rurais e envenenam o meio ambiente.

Sabemos que o ano de 2026 começou atravessado pela retomada da barbárie, pela expressão concreta do capitalismo sem máscaras, pela civilização nada civilizada que vê sentido em invadir territórios, destruindo a natureza e matando povos, para afirmar uma falsa posição de superioridade em relação a América Latina, como foi a invasão e a captura do presidente da Venezuela e sua companheira no dia 03 de janeiro, que resultou na morte de mais de 80 pessoas (CNN BRASIL, 2026). *Reabrindo as veias* daquelas e daqueles, que vítimas de escolhas negacionistas de seus governantes, aprendem a ver o mundo com a lente de quem explora suas terras e, por consequência, desconhecem a sua própria história.

A geógrafa brasileira, Larissa Bombardi, ao dedicar seus estudos na tentativa de compreender o que causa tanta assimetria entre o Norte e o Sul globais, diz que:

> O capitalismo transformou a agricultura em uma imensa máquina de produção de commodities e agroenergia que tem submetido povos inteiros e seus territórios a uma grande miséria social e ecológica, em benefício de um processo crescente de concentração de terra, renda e poder nas mãos de empresas transnacionais, proprietários, especuladores e seus representantes nas câmaras legislativas e palácios de governo (2023, p.11).

Assim como Eduardo Galeano (2021), essa escrita lamenta que o estado imperialista das coisas, ditado pelo homem branco, continue determinando a miséria da **monocultura** para países que são ricos em cultura, em diversidade produtiva e em vida em abundância. Em 2010, no prefácio da edição comemorativa de 50 anos de *"As veias abertas da América Latina"*, Galeano escreveu que "a história não quer se repetir - o amanhã não quer ser outro nome do hoje -, mas a obrigamos a se converter em destino fatal quando nos negamos a aprender as lições que ela, senhora de muita paciência, nos ensina dia após dia." (2021, p.9).

> Por outro lado, também são as mulheres que, majoritariamente, assim como Rachel Carson, se nutrem de coragem para festejar o som dos pássaros, dos insetos, da vida que brota nas inúmeras experiências agroecológicas e de outras formas de agricultura livre de agrotóxicos (Bombardi, 2023, p.12).

As mulheres organizadas ensinam que o sonho por um mundo outro não pode morar apenas na esperança enquanto abstração, mas deve ganhar significado em cada território educacional. Como problematiza Freire, em *Pedagogia do Oprimido*, não é no silêncio que as pessoas se fazem, **mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão** (2025, p.108). Logo, o trabalho de educadoras/es não é meramente técnico, envolve vidas e realidades marcadas por diferentes opressões, e é necessário que o planejamento da prática seja num horizonte diferente do que já está posto pela estrutura patriarcal que nos molda e nos explora.

> Ao fazer isso, assumimos também a responsabilidade de educar rompendo com a lógica colonialista, que torna distante a teoria da prática e impede que reflexões mais profundas estejam presentes nos espaços de conhecimento. As filosofias tecidas pela ancestralidade indígena e afro-diaspórica nos provocam a repensarmos a base que sustenta os nossos modos de ser, estar e se relacionar com a realidade. (Batista; Fernandes, 2025, p.1).

Saber para qual projeto o nosso trabalho está contribuindo é uma responsabilidade ecossocialista. A antropóloga, Lélia González (2020), nos ensina a ver o mundo através das contradições construídas no entorno de nossas memórias, relembrando que é preciso tocar na **ferida colonial** que sustenta o *mito da democracia racial.* Ela diz que uma das consequências desse mito foi o apagamento histórico que se materializa na maneira como o conhecimento foi estruturado através de uma lógica masculina e embranquecida — *essa sim, é identitária* —, que serviu e serve para organizar a divisão social do trabalho por gênero, raça e classe.

Por compreender que as mudanças climáticas não são neutras, basta ver quem são os corpos que mais sofrem com o genocídio na Palestina, com a desterritorialização para a mineração, com a construção de barragens que alteram o curso natural dos rios, com o

envenenamento da terra pela chuva de veneno; é que compreendemos a urgência de vincular o projeto de educação feminista com o horizonte anticapitalista, desejando o fim da agenda de morte que a extrema-direita impõe à classe trabalhadora, uma vez que "a atual crise do capitalismo também é uma crise ecológica" (Arruzza; Bhattacharya; Fraser, 2019).

### 1.1. Metodologia

Desobedecer a essa forma pronta de desenvolvimento que ***des***-conecta[1] tem sido a maneira como reflorestamos os modos de ocupar a academia, trazendo o **pertencimento** e a **poética das mulheres em luta** como principal força mobilizatória de mudanças que gestam a alegria necessária para criar outros mundos e narrativas possíveis. A metodologia que orienta nossa pesquisa segue a linha ecossocialista defendida em manifestos da *IV internacional*, ou seja, a nossa seleção de literaturas não se resume às escritas academicistas que se fazem distantes da realidade concreta em que estão as sujeitas e os sujeitos históricos. Nesse sentido coletivo, as ***escrevivências*** (Evaristo, 2016) tecidas com os movimentos de mulheres se tornam elementos indispensáveis para sistematizar o compromisso político de nossas análises.

Encontramos mais fortaleza na circularidade – na ancestralidade feminina, negra e originária – logo, fazer uma revisão bibliográfica de obras que coloquem o feminismo no centro do debate cultural, ambiental, político, econômico e educacional, retomam o caráter dialético e pertencente na formação de sujeitas e sujeitos mais coletivas/os. Geni Núñez (2023), Cida Bento (2022), Lélia González (2020), Silvia Federici (2019), Larissa Bombardi (2023), Ailton Krenak (2020), bell hooks (2024), Eduardo Galeano (2021), Paulo Freire (2025) e Löwy; Câmara (2025), não poderiam deixar de inquietar essas páginas carregadas de vida e sonho.

### 1.2. Objetivos

A educação feminista para barrar o fim do mundo é a ousadia que o nosso trabalho objetiva versar sobre, porque compreendemos que a educação é uma forma de intervir no modo como estão as coisas. Uma forma de ***contracolonizar***[2] o projeto educacional em curso, pois esse apresenta limites concretos quando se trata da agenda feminista e ambiental. Para as mulheres vítimas do patriarcado, para os povos originários, ribeirinhos e quilombolas, o *fim do mundo* já aconteceu, pois trata-se de um processo histórico violento que articula a colonização,

[1] O trocadilho "***des***-conecta" após a palavra *"desenvolvimento"* é intencional, a ênfase no ***"des"*** demonstra a nossa visão crítica e anticolonial diante a linguagem, inspirada nas leituras de Ailton Krenak (2020).

[2] Nos juntamos a Nêgo Bispo, ao afirmar que "Trouxemos a palavra contracolonialismo para enfraquecer o colonialismo. Já que o referencial de um extremo é o outro, tomamos o próprio colonialismo. Criamos um antídoto: estamos tirando o veneno do colonialismo para transformá-lo em antídoto contra ele próprio." (Santos, 2023, p.36-37)

a destruição de florestas, o genocídio, a cultura do estupro, a concentração de terras, a insegurança alimentar, o racismo, a LGBTIfobia, a intolerância religiosa, a exploração de animais para o consumo humano, o produtivismo desumanizante, que criam um verdadeiro cenário de emergência e colapso ambiental. Portanto, a nossa proposta se inspira em práticas que reconhecem o lugar de protagonismo das mulheres nessas lutas.

## 2. Envolvimento

### 2.1. Resultados e discussão

A crise climática é o projeto de morte da extrema direita sob os nossos corpos. Cida Bento, ao analisar as relações de desigualdades produzidas pela branquitude, tece problematizações acerca da masculinidade branca que se consolidou para legitimar um projeto abertamente racista que estimula a expansão imperialista. Ela diz que "trata-se de um fenômeno político nacionalista e "patriótico", fazendo um apelo aos chamados valores tradicionais" (Bento, 2022, p.53-54). Ao longo de sua obra, a psicóloga analisa como o *trumpismo*, o *bolsonarismo* e outras figuras que representam a extrema-direita ganharam popularidade em um mundo cada vez mais afundado pelas crises do capitalismo. Em um cenário que afeta diretamente a crise ambiental, escancarando as relações entre os pactos coloniais, o genocídio na Palestina, a violência contra as mulheres, o processo escravocrata e a exploração de recursos.

Essa lógica extremista submete a classe trabalhadora – que vive a miséria do estado burguês – a introjetar muitas vezes valores que não são seus, mas do patrão. Inseridas/os em dinâmicas de trabalho exploratórias e sem tempo para descanso digno, as trabalhadoras e trabalhadores brasileiros não percebem como as suas dores estão relacionadas com esse acúmulo de riquezas desproporcional, onde os sujeitos exploradores ditam as regras, e manipulam o senso comum quando apontam falsos culpados para os problemas sociais – enfatizando como são ruins os serviços públicos, *mas, claro, sem mencionar quem são os responsáveis pela precarização*. Por fim, os ideais fascistas e conservadores acerca do incentivo à militarização e à privatização, fortalecem a narrativa negacionista da extrema-direita, "(...) esses posicionamentos sobre ordem, segurança e defesa da pátria atraem setores de segurança, desde as forças armadas e policiais até as milícias e a bancada da bala." (Bento, 2022, p.54)

As mulheres são as mais afetadas com a implementação de políticas que facilitem o acesso às armas. No Brasil, é alarmante o crescimento dos índices de violência contra a mulher, colocando o país no 5º lugar no *ranking* mundial de países que mais matam mulheres (Waiselfisz, 2015). E de acordo com Geni Núñez, esse sentimento de posse em relação ao corpo

da mulher está imbricado no modo como fomos ensinadas/os a nos relacionarmos com as pessoas e com a natureza, ou seja, a opressão de gênero e a exploração predatória da terra estão profundamente conectadas. A educação que defendemos deve ir na contramão disso e negar o protagonismo colocado desde sempre aos homens cis, brancos e heterossexuais, que confortavelmente justificaram as próprias atrocidades com suas *"neutralidades epistêmicas"*.

Produziram, assim, um ideário civilizatório que precisa se descolar da relação de **cuidado** e **pertencimento** com a terra para abrir espaço para o desenvolvimento capitalista que sempre esteve à serviço do lucro e da manutenção da ordem injusta que determina quem trabalha, quem não trabalha, quem vive, quem morre, quem pode sonhar e quem é forçada a se desumanizar para sustentar os desejos patriarcais do capital. Núñez é certeira quando diz que, nessa desigualdade misógina, muitas mulheres adiam/cancelam seus sonhos, planos de estudo e outros projetos, enquanto seus companheiros acabam observando uma aceleração/facilitação igualmente proporcional ao seu *"atraso"* (Núñez, 2023, p.70).

Reivindicar que um olhar feminista das coisas substitua a lente de nossas análises, é portanto reivindicar a vida, pois o feminismo enquanto estratégia ecossocialista, cuja escolha pensada a partir das experiências de mulheres negras, indígenas e LGBTI+, nos ajudam a enxergar o mundo de maneira mais orgânica, tecida pela crítica radical, de modo que é impossível não ver o ponto de cruzamento entre as diferentes opressões sexistas, racistas, LGBTIfóbicas, binárias e coloniais presentes em nossa cultura capitalista. A destruição de modos ser/viver/existir para estruturar um projeto político que só foi *"vitorioso"* porque fomos expropriados de nosso direito à autodeterminação, como lembra Eduardo Galeano, "a história do subdesenvolvimento da América Latina integra (...) a história do desenvolvimento do capitalismo mundial. Nossa derrota sempre esteve implícita na vitória dos outros" (2021, p.18).

Essa narrativa excludente se sustenta na negação dos direitos mais básicos, no apagamento de histórias, memórias e identidades que representam uma discordância à ordem que "continua existindo para satisfazer as necessidades alheias" (Galeano, 2021, p.17). Em um diálogo com a crítica do autor, Bombardi, afirma que "a América Latina tem repetido e aprofundado a sina histórica e violenta instaurada pelos europeus durante a colonização, entre os séculos XVI e XIX." (2023, p.15), além de denunciar a situação das mulheres,

Esse impacto afeta fisicamente seus corpos de diversas formas, pois são esses corpos que vivenciam abortos espontâneos, a gravidez com intercorrências, a gestação de crianças com malformação fetal. São as mulheres que lidam com as "deformações" e

> a "morte" no próprio organismo(...) Nisso se constitui o abismo, essa geografia do abismo, esse trágico momento-mundo, em que empresas sediadas no hemisfério Norte, com a falaciosa justificativa de alimentar o mundo, lucram com a produção e a venda de substâncias que afetam a população de forma absolutamente desigual: são os do Sul, os pretos, os indígenas, as mulheres os que mais sofrem. Não apenas o problema da fome persiste como, além de famintos, estamos envenenados, com nossos ecossistemas igualmente contaminados. (Bombardi, 2023, p.65).

Rasgar o tecido que sustenta o colonialismo em sua matriz fundante, como ensina Krenak (2020) exige ***envolvimento*** com o momento presente e a ruptura com o projeto embranquecedor, denunciado por Lélia González (2020). Bem como a criação de relações de *necessidade* e *cuidado circulante* com as pessoas ao nosso redor, como nos convidam a pensar Nêgo Bispo (Santos, 2023) e Geni Núñez (2023). Características das quais o feminismo, enquanto movimento tem se debruçado a espalhar. A cearense, Adilbênia Freire Machado, compartilha em suas filosofias que é necessário **voltarmos à terra** para que possamos nos libertar da constante necessidade de aplicar utilidade as coisas,

> reivindicamos um retorno ao feminino, aos saberes ancestrais femininos, buscando o retorno à compreensão de que só somos em relação com a natureza, ou seja, em relação também com o sagrado, portanto, é fundante cuidarmos de quem somos, do que somos, do que fazemos parte. Sem a natureza não somos. É necessário voltarmos à terra. (Machado, 2019, p.57).

## 2.2. Pedagogia feminista ensinada pelos Movimentos Sociais

Trazendo algumas experiências que me devolvem o sentimento de *retorno à terra*. Entre os dias 24 a 28 de agosto de 2025, aconteceu em Fortaleza-CE, no campus da Universidade Federal do Ceará, o 2º encontro nacional do MAM, o Movimento pela Soberania Popular na Mineração. E um dos lemas desse encontro que chamou nossa atenção foi, *"Onde tem mineração, tem mulheres em luta!",* porque expressa em palavras uma realidade já posta: a de que as mulheres protagonizam as lutas pela defesa da agroecologia e contra a mineração predatória. A convergência de lutas travadas pelos corpos de mulheres negras e indígenas que atravessam a política do MAM, vai de encontro com o desejo versado nas páginas do *"Manifesto por uma revolução ecossocialista"* (2025), onde Michael Löwy e Júlia Câmara, militantes da *IV Internacional*, afirmam que "uma ruptura radical com a ideologia de dominação humana da natureza é essencial para o desenvolvimento de uma cultura ecológica e feminista (ecofeminista) de "cuidado" com as pessoas e com o meio ambiente" (2025, p.46-47).

Ainda sobre o encontro do MAM, a geografia do evento foi pensada em garantir a ampla participação das diferentes sujeitas e sujeitos revolucionários que estão no dia a dia de suas comunidades resistindo às inúmeras violações de direitos impostas pelo agronegócio e pelo capital estrangeiro. O espaço da **Ciranda Infantil** foi um importante gesto de acolhida e política de inclusão, que possibilitou que mulheres de diferentes territórios pudessem estar participando do evento, tendo a certeza de que as suas crianças estariam sendo cuidadas e formadas politicamente através de brincadeiras, juntamente com outras crianças que vivem realidades semelhantes às suas. As mulheres do MAM, se contrapõem a essa *geografia do abismo*, "por meio da agroecologia, constroem outro pacto de civilidade" (Bombardi, 2023, p.67).







**Imagem 1:** Foto do espaço de Ciranda Infantil - II Encontro Nacional do MAM.

**Imagem 2:** Foto do lema *"Onde tem mineração, tem mulheres em luta!"* - II Encontro Nacional do MAM.

**Fonte:** Arquivo pessoal da autora (2025).

Isso nos fez refletir como a grande maioria dos espaços de trabalho, de estudo e de lazer ainda não consideram importante repensar a sua organização a fim de garantir que a experiência das mulheres mães e racializadas, que majoritariamente executam o trabalho da reprodução social, não seja tão marcada por exclusões. Sabemos hoje, graças a lideranças históricas como, Lélia González, que desafiaram a repressão da ditadura militar, participando da fundação do Movimento Negro Unificado (MNU) e articulando trabalhadoras domésticas – marcadas pela violência de gênero e de raça –, que o constructo de classe não poderia jamais se perder no abstracionismo da abordagem economicista europeia, que para as comunidades negras e indígenas, por excelência, "lhes nega o estatuto de sujeito humano" (González, 2020, p.84).

Assim como González, a feminista estadunidense bell hooks, em *"O feminismo é para todo mundo"* (2018), também ensinou que a violência patriarcal sob os corpos das mulheres deve ser vista como um fator estruturante da violência de classe, enfatizando com muito orgulho as contribuições das experiências lésbicas para a compreensão dessas intersecções:

> Quando a questão era a diferença, a expansão da teoria e da prática feministas para incluir raça e classe, pensadoras lésbicas visionárias estavam entre as mulheres que mais queriam mudar de perspectiva. Em vários casos, isso decorre do fato de elas terem uma aprendizagem experiencial sobre o que significa ser explorada e/ou oprimida por não estar em conformidade com os padrões convencionais. (...) as lésbicas sempre tiveram que desafiar e confrontar a homofobia, de forma bastante similar com que todas as mulheres não brancas, independentemente de preferência ou identidade sexual desafiaram e confrontaram o racismo. (hooks, 2018, p.105)

Destacar o pioneirismo dessas mulheres, bem como mostrar que é a partir do reconhecimento político de nossas subjetividades múltiplas – *e não da negação das diferenças* –, que construiremos uma práxis pedagógica feminista ainda mais revolucionária, capaz de nos humanizar e nos levar a compreender as diferentes posições que ocupamos nessa organização de mundo em colapso, pois de acordo com Löwy e Câmara (2025), as comunidades étnico-raciais oprimidas são deliberadamente colocadas em áreas contaminadas por resíduos tóxicos perigosos, nos terrenos mais poluídos, bem como em áreas de alto risco, sem planejamento urbano, pois são vítimas do racismo ambiental e excluídas do projeto de implementação de políticas ambientais. (Löwy; Câmara, 2025, p.11)

Insistir em análises mais pluralistas e interseccionais na construção de nossas trajetórias e identidades docentes, são formas dissidentes e políticas de nos posicionarmos contra à manutenção da barbárie, recusando o *discurso fatalista* (Freire, 2025) que nos faz esquecer de onde viemos. Célia Xakriabá (2025), que é uma forte defensora dos direitos dos povos originários, ensina em cada terra que pisa - *principalmente enfrentando o Congresso Inimigo do Povo* - de que a crise climática que vivemos hoje não é uma novidade dentro da experiência de povos que historicamente precisaram se reinventar para resistir à miséria da cultura do estupro, da colonização, da escravização, do garimpo ilegal, do desmatamento, da mineração, entre tantas outras violências coloniais colocadas pelo homem branco para destruir os modos de ser/viver/existir dos nossos ancestrais.

> se durante um tempo éramos nós, os povos indígenas, que estávamos ameaçados de ruptura ou da extinção dos sentidos das nossas vidas, hoje estamos todos diante da iminência de a Terra não suportar a nossa demanda. Como disse o pajé yanomami Davi Kopenawa, o mundo acredita que tudo é mercadoria, a ponto de projetar nela tudo o que somos capazes de experimentar. (Krenak, 2019, p.31)

Ou seja, a crise sempre teve gênero, raça e classe social. Já era uma realidade anunciada e vivida por muitas comunidades que preservam uma relação não devoradora de mundos. O

problema é que devido à ganância humana, orientada pela visão antropocena[3], esse produto que antes atormentava uma parcela da sociedade, hoje se espalha de forma cada vez mais concreta, destrutiva e acelerada. Pesquisadores de diferentes países do mundo, já alertam que os últimos três anos - **2023, 2024** e **2025** - já estão entre os 3 anos mais quentes desde a era pré-industrial, registrando um aquecimento global de 1,5º C (Pivetta, 2026).

Compreender a ameaça das mudanças climáticas como um produto histórico do capitalismo em nossas vidas, apesar de sólido nas análises das companheiras que lideram a luta de atingidas/os pela *Barragem do Lago de Fronteiras*, na cidade de Crateús-CE, infelizmente ainda enfrenta uma série de distorções negacionistas em nosso próprio território. Principalmente pela população que tem apenas a experiência colonialista das cidades (Santos, 2023) e, por consequência, desenvolvem apenas relações utilitárias e distantes com a natureza.

Mas felizmente, na contramão desse abstracionismo, estão a agroecologia e a vida compartilhada em comunidades rurais e assentamentos que lutam pela reforma agrária. Esses espaços, são exemplos vivos que ensinam o porquê devemos nos preocupar com o impacto das ações humanas no mundo, o lema *"Atingidos somos todos!"* do movimento MAB - Movimento dos Atingidos por Barragens - é profundamente certeiro e redistribui as responsabilidades da luta e do cuidado, não deixemos esquecer a experiência dos rompimentos de Mariana em 2015 e Brumadinho em 2019 (Sindisan, 2019).

Em um outro texto, escrevemos que “bell hooks em um diálogo com Paulo Freire compartilham de uma compreensão confluente de que a formação e a prática docente não podem continuar se limitando a transmissão de conteúdos desconectados da realidade das alunas e alunos (Batista; Fernandes, 2025, p.3). A Faculdade de Educação e Ciências Integradas de Crateús (FAEC), tem sido em nossa experiência formativa uma ponte entre os movimentos sociais, que alimenta em nossos sonhos o senso de coletividade e pertencimento com as diferentes lutas que historicamente tem nos atravessado enquanto sujeitas e sujeitos históricos. Para honrar esses encontros que ensinam qual rumo feminista deve orientar nossas reflexões e fortalecer nossas ***pedagogias de trangressão*** à ordem vigente (hooks, 2024), faz sentido compartilhar a poesia da educadora popular, Valdiane Martins, assentada de minha terra e militante do movimento MABC:

*“Querem calar nossas vozes, enterrar nossos sonhos sob concreto e*

[3] De acordo com Krenak (2019, p. 41) “O Antropoceno tem um sentido incisivo sobre a nossa existência, a nossa experiência comum, a ideia do que é humano. O nosso apego a uma ideia fixa de paisagem da Terra e de humanidade é a marca mais profunda do Antropoceno.”

*barragem, mas quem nasceu da luta não se cala com a seca, nem se curva ao rodo que apaga caminhos. A cada casa derrubada, um grito se levanta mais alto."*
***- Valdiane Martins (Moradora do Assentamento Palmares II)***

## 3. In-Conclusões

A educação que se forja no movimento social é a riqueza feminista mostrando ao que veio. E é urgente pôr um fim às necessidades desenvolvimentistas que devoram mundos, em um movimento de aliança educacional que se reinvente a partir do encontro com as resistências originárias, negras, LGBTI+, que bebem da cultura feminista, e que lutam pela vida plena e em abundância para todas as pessoas e seres vivos do planeta. Lélia González diz que as mulheres periféricas são as mais radicais na luta por direitos coletivos, porque dentro de uma estrutura que as quer mortas, são as *portadoras da chama da libertação*, "justamente porque não tem nada a perder" (2020, p.64). Isso se prova como uma realidade concreta, quando observadas as intersecções de gênero no interior dos movimentos sociais que trazemos em nossa escrita, pois as mulheres organizadas trazem com mais organicidade a defesa ambiental, articulada com a superação dos pilares estruturantes do capitalismo: **o patriarcado, o racismo, a LGBTIfobia**. Evidencia-se, portanto, a necessidade de tomar essas vozes como referências da educação feminista e ampliar as discussões de gênero, raça, classe e crise climática na universidade pública e nos diferentes espaços sociais, a fim de construir outras trajetórias possíveis e desobedecer aos critérios que legitimam o imperialismo supremacista que nos explora.

*"Em contraposição à geografia do abismo, as mulheres estão construindo uma geografia do caminho, rumo à justiça em seu amplo espectro, contra o aquecimento global e o genocídio químico que nos atinge desigualmente."*
***- Larissa Bombardi (2023)***

## 4. Referências Bibliográficas

**AO MENOS 80 PESSOAS FORAM MORTAS EM ATAQUE DOS EUA À VENEZUELA, DIZ NYT.** CNN Brasil, São Paulo, 04 jan. 2026. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/ao-menos-40-pessoas-foram-mortas-em-ataque-dos-eua-a-venezuela-diz-nyt/. Acesso em: 14 fev. 2026.

ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%: um manifesto.** Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019.

BATISTA, Júlia Raquel Macedo; FERNANDES, Antonio Batista. **Reavivamento de memórias com o uso da literatura anticolonial como ferramenta de reflexão filosófica da realidade brasileira.** In: XV FIPED, Even3, 2025. Disponível em: <https://static.even3.com/anais/1097205.pdf?v=638978149010307218>

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude.** São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BOMBARDI, Larissa Mies. **Agrotóxicos e colonialismo químico.** São Paulo: Editora Elefante, 2023.

EVARISTO, Conceição. **Histórias de leves enganos e parecenças.** Rio de Janeiro: Malê, 2016.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista.** Tradução do Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2019.

FEDERICI, Silvia; VALIO, Luciana Benetti Marques. **Na luta para mudar o mundo: mulheres, reprodução e resistência na América Latina.** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 28, n. 2, e70010, 2020. DOI: 10.1590/1806-9584-2020v28n270010. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ref/a/MqrkMq7hHybFzZcgTwPbvqd/. Acesso em: 6 fev. 2026.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 91. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2025.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos.** Organização de Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. 3. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2024.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras.** Tradução de Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. E-book.

MARTINS, Valdiane. **História Rasgada.** 2025. Poema manuscrito.

MACHADO, **Adilbênia Freire. Filosofia Africana: Ética de cuidado e de pertencimento ou uma poiética encantamento.** – Edição Especial. Paraíba: Problemata, 2019.

NÚÑEZ, Geni. **Descolonizando afetos: experimentações sobre outras formas de amar.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

PIVETTA, Marcos. **2025 foi o terceiro ano mais quente desde a era pré-industrial.** Revista Pesquisa Fapesp, [S. l.], 14 jan. 2026. Disponível em: https://revistapesquisa.fapesp.br/2025-foi-o-terceiro-ano-mais-quente-desde-a-era-pre-industrial/. Acesso em: 11 fev. 2026.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Ubu Editora/Piseagrama, 2023.

SINDISAN. **Capitalismo selvagem e a tragédia de Brumadinho.** Sindisan, 2019. Disponível em: https://sindisan.org.br/capitalismo-selvagem-e-a-tragedia-de-brumadinho/. Acesso em: 14 fev. 2026.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2015 – Homicídio de mulheres no Brasil.** Brasília, 2015.

XAKRIABÁ, Célia. **Célia Xakriabá leva voz das mulheres indígenas à marcha por justiça climática na COP30.** [S. l.]: Célia Xakriabá, 17 nov. 2025. Disponível em: https://www.celiaxakriaba.com/post/c%C3%A9lia-xakriab%C3%A1-leva-voz-das-mulheres-ind%C3%ADgenas-%C3%A0-marcha-por-justi%C3%A7a-clim%C3%A1tica-na-cop30. Acesso em: 26 fev. 2026.